

REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

FILOLOGIA, ESTUDOS LITERÁRIOS E CULTURA ESCRITA

ARTIGO

PROCESSO DE CIRCULAÇÃO DE LITERATURA NEGRA FEMININA NA BAHIA: MEIOS PARA DRIBLAR O EPISTEMICÍDIO

CIRCULATION PROCESS OF BLACK WOMEN'S LITERATURE IN BAHIA: STRATEGIES TO OVERCOME EPISTEMICIDE

YASMIN BELMONTE MOTA

Graduanda em Letras Vernáculas com Língua Estrangeira Moderna (PIBIC/UFBA). E-mail: yasmimbelmonte3@gmail.com

ROSINÊS DE JESUS DUARTE

Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia. Professora da UFBA. E-mail: rosiart20@yahoo.com.br

RESUMO

O artigo discute o processo de circulação da literatura negra feminina na Bahia, entre as décadas de 1970 e 1990, analisando as estratégias utilizadas pelas escritoras para enfrentar o epistemicídio e garantir a preservação de suas produções. A partir de pesquisa bibliográfica e de campo desenvolvida pelo grupo FILEN (Filologia das Letras Negras), foram mapeadas obras dispersas em periódicos, antologias, jornais e pequenas editoras, evidenciando a resistência e a criatividade dessas autoras diante do silenciamento imposto pelo racismo e pelo sexismo. O estudo mostra que a escrita dessas mulheres, além de afirmar a memória e a ancestralidade negras, constitui um importante patrimônio cultural, cuja preservação vem sendo realizada por meio de práticas filológicas e da constituição de um acervo digital. Conclui-se que essas iniciativas possibilitam novas leituras da literatura brasileira, valorizando vozes historicamente marginalizadas e ampliando os debates sobre gênero, raça e memória cultural.

filologia; acervo digital; Bahia.

Palavras-chave: Literatura negra feminina; epistemicídio;

ABSTRACT

This article discusses the circulation process of Black women's literature in Bahia between the 1970s and 1990s, analyzing the strategies used by writers to confront epistemicide and preserve their works. Based on bibliographic and field research conducted by the FILEN group (Philology of Black Letters), dispersed works found in periodicals, anthologies, newspapers, and small publishers were mapped, revealing the resilience and creativity of these authors in the face of silencing imposed by racism and sexism. The study demonstrates

that these women's writings, besides affirming Black memory and ancestry, constitute an important cultural heritage, whose preservation has been carried out through philological practices and the creation of a digital archive. It concludes that these initiatives enable new readings of Brazilian literature, valuing historically marginalized voices and broadening debates on gender, race, and cultural memory.

Keywords: Black women's literature; epistemicide; philology; digital archive; Bahia.



Open access journal: <http://periodicos.uefs.br/index.php/sitientibus>
ISSN 0101-8841

Palavras Iniciais

É notório que as manifestações culturais, artísticas e literárias da população negra, durante séculos, tiveram que enfrentar diversos processos de exclusão e apagamento na sociedade. Para Patricia Hill Collins (2020), alguns grupos promovem epistemologias ocidentais e eurocentradas que determinam quais manifestações intelectuais possuem valor. A partir disso, essa seletividade do conhecimento exclui, apaga e ignora as produções de uma minoria inferiorizada pela violência gerada por diversas ações preconceituosas. Na Literatura, por exemplo, o epistemicídio acontece há séculos, impedindo que as obras de autoria negra tivessem lugar na memória literária brasileira. E quando restringimos à literatura produzida por mulheres negras, podemos observar que o processo de silenciamento foi ainda mais marcante. São pouquíssimas as escritoras negras que conseguiram publicar suas obras e não serem vilipendiadas pelo racismo e machismo que persistem nos espaços culturais e literários.

Diante disso, as escritoras negras buscaram maneiras de defender suas práticas intelectuais e desenvolveram estratégias para ultrapassar a fresta entre a hegemonia masculina branca e a padronização eurocêntrica. Durante a pesquisa de campo, realizada por bolsistas do grupo de pesquisa Filologia das Letras negras (FILEN)¹, alguns materiais foram recolhidos em diferentes locais e suportes como jornais, revistas, coleções, acervo pessoal e entrevista. Dessa forma, foi possível perceber que as mulheres negras utilizavam diversos meios para imprimir suas escritas e, assim, integrarem a memória da história literária. E assim, elas passaram a enfrentar o sistema excludente e escreveram suas vivências, suas ancestralidades e suas angústias. Como aponta Miriam Alves quando ressalta:

É de um lugar de alteridade que desponta a escrita da mulher negra. Uma voz que se assume. Interrogando, se interroga. Cobrando, se cobra. Indignada, se indigna. Inscrevendo-se para existir e dar significado à existência, e neste ato se opõe. A partir de sua posição de raça e classe, apropria-se de um veículo que pela história social de opressão não lhe seria próprio, e o faz por meio do seu olhar e fala desnudando os conflitos da sociedade brasileira. Revela o que existe no universo emotivo daquelas mulheres que, nos textos literários das escritoras brancas brasileiras, moram nos quartos dos fundos, das quais mal se pressupõem uma vida, voz, existência e subjetividade própria. (Alves, 2010, p. 185)

A partir disso, as últimas décadas vem mostrando a resistência da escrita negro feminina e como essas mulheres enfrentaram diferentes opressões e invadiram espaços fechados, na tentativa de deixarem suas histórias na memória literária brasileira. E assim, é possível encontrar, ainda que em pequeno número, obras produzidas por mulheres negras em acervos e outros espaços culturais. Diante disso, a Filologia é essencial, pois,

“as diversas abordagens críticas (textual, genética e sociológica) dialogam, sendo práticas relevantes para a interpretação de uma cultura nacional, a partir dos materiais reunidos nos diversos acervos em dado espaço e do arquivo como lugar de memória, oferecendo novas leituras e novos enfoques teóricos [...]” (Borges, 2020, p. 15).

Logo, os métodos filológicos e o conhecimento acerca da *sociologia dos textos*, o qual todo processo de construção do texto é considerado essencial, (MCKENZIE, 2005) são fatores importantes na constituição do acervo digital o qual irá agir como um meio de resguardar e compartilhar escritas que foram invisibilizadas no cenário literário brasileiro.

Literatura Negra feminina Baiana

É notório que o espaço literário sempre se manteve fechado às produções femininas. Para as mulheres negras essas barreiras eram ainda maiores, pois além de lutarem contra a desigualdade de gênero, elas lidavam com as consequências das violências raciais que persistiam nas sociedades. Infelizmente, isso reverbera no campo artístico e cultural, pois são nesses espaços que o processo de criação negro-feminino é interrompido ou mesmo invisibilizado. No entanto, algumas mulheres negras desenvolveram formas de driblar o sistema racista, machista e misógino para produzir, publicar e representar suas obras nos espaços literários.

A partir disso, as décadas de 70, 80 e 90 foram as épocas em que o movimento negro invadiu os espaços fechados às minorias. Na Bahia, a música, a dança, a arte, o cinema, e o teatro produzido por grupos marginalizados, conquistava o seu lugar de reconhecimento cultural. E na Literatura, que é o foco dessa discussão, as mulheres negras “insistiram em manter acesa a chama da sua criatividade e figuraram/figuram como exemplos para outras mulheres negras que contemporaneamente fazem uso das palavras [...] compartilhando suas leituras do mundo, do Brasil e de suas histórias” (Souza, 2019, p. 96). Além disso, por meio de uma pesquisa realizada há anos, Rosinês Duarte (2023) afirma que, existiu uma potente produção literária negra feminina na Bahia a partir dos anos 70 desenvolvida a partir do envolvimento de diferentes agentes no processo de produção, transmissão e circulação dessas obras.

Através do trabalho filológico realizado no grupo FILEN, visitando acervos; procurando em arquivos e estantes, analisando periódicos e livros, das décadas de 70, 80 e 90; recolhendo obras de mulheres e fazendo uma pesquisa biográfica sobre elas, foi possível mapear 12 escritoras negras, as quais conseguiram publicar em diferentes condições. Alguns nomes como Fátima Trinchão, Makota Valdina, Julieta Carteador, Mãe Stella de Oxóssi, Nivalda Costa, Lita Passo, Mãe Beata de Yemanjá, Shirley de Queirós, Tânia Regina, Zinha Costa, Railda Martins e Ana Maria de Santana buscaram por visibilidade e lutaram para se manter no cenário literário. Elas resistiram e através das palavras, como afirma Constância Lima Duarte

(2011), expressaram suas emoções, suas visões de mundo e denunciaram as condições desiguais que as mulheres enfrentavam na sociedade patriarcal. A escrita para essas mulheres nascia de um lugar de resistência, enfrentamentos e busca por liberdade criativa.

Em uma de suas frases mais conhecidas, Mãe Stella de Oxóssi dizia “o que a gente não escreve, o tempo leva”, logo entendemos que a escrita é uma forma de registro da memória, e para as autoras negras é uma forma de se inscrever e serem reconhecidas na história da literatura. Mas para além disso, elas afirmavam a “contribuição feminina para a cultura, praticamente invisível na grande narrativa tradicional.” (Burke, 2005, p.65). Diante disso, as autoras negras baianas, das décadas de 70 e 80, criaram meios para driblar os processos de exclusão e apagamento de suas escritas nos espaços literários e se tornaram influência para autoras da modernidade que usam de suas palavras para reforçar a importância de uma escrita afro-brasileira que une ancestralidade, vivências e histórias do povo negro que luta para manter suas memórias vivas.

Driblando o epistemicídio

Através de anos de pesquisa realizado no FILEN, seguindo alguns métodos filológicos, foi possível observar que há décadas as escritoras negras produzem e buscam formas de colocar suas obras nos veículos de circulação. Por outro lado, também é notório as várias formas de violências que foram usadas para apagar as produções de autoria negra feminina do cenário literário brasileiro. Ao inteirar-se dos estudos de Boaventura Sousa Santos (1997), Sueli Carneiro (2005) afirma que o epistemicídio é uma forma de poder eurocentrada que viola e nega as formas de conhecimento dos grupos marginalizados.

Dessa forma, pensando na história da literatura, a intersecção entre gênero, classe e raça eram critérios para permanência de sujeitos na constituição do cenário literário brasileiro? Infelizmente, a presença ínfima de autoras negras nos espaços culturais e literários apenas revelam que racismo, sexismo e o machismo contribuíram por séculos para a desvalorização das produções literárias e intelectuais das mulheres negras nos meios de grande circulação. Por meio de um trabalho de campo, com visitas frequentes em acervos de Salvador, foi possível observar que as obras de mulheres negras estão muito dispersas nos “Lugares de Memória” (Nora, 1993).

Por outro lado, mesmo com esse processo de violência, as mulheres negras se uniam na tentativa de promover a circulação de suas obras no ambiente literário. Em paralelo, os movimentos feministas que foram bastante importantes para pensar a participação das mulheres na construção de uma memória literária e patrimonial nas sociedades, pois

El feminismo cuestionó la forma androcéntrica de la organización de archivos, bibliotecas, centros de documentación, librerías y museos. Interpeló

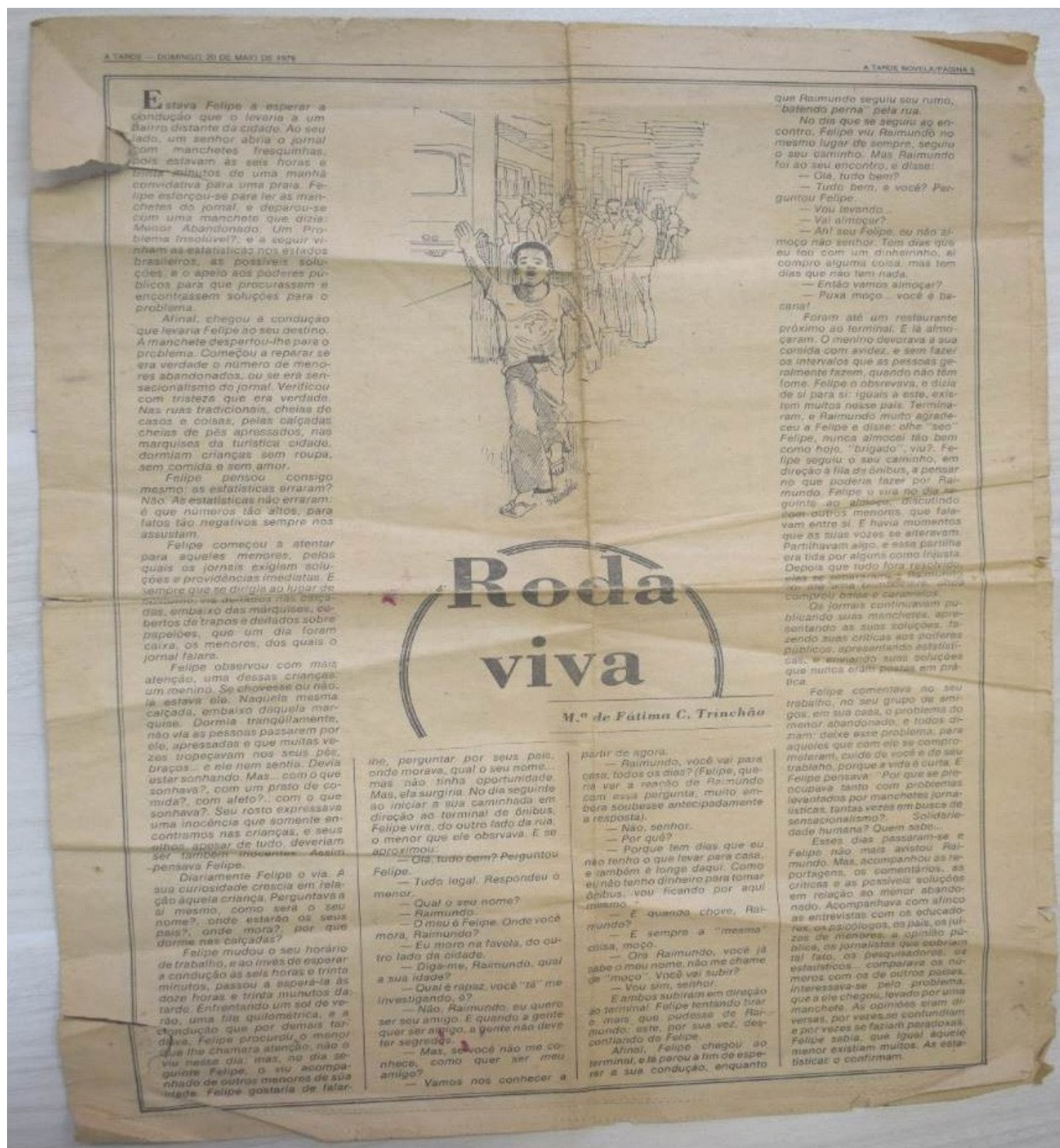
la invisibilización, dispersión y hasta la falta de interés en la preservación, conservación y difusión de documentos, otras fuentes de información y un sinnúmero de bienes culturales producidos por/con mujeres o sobre mujeres. (Vassallo, 2018, p. 81)²

A partir disso, as autoras negras precisaram enfrentar as barreiras do epistemicídio e “[...] lutar contra aqueles estereótipos racistas/sexistas que o tempo todo levam outros (e até nós mesmas) a questionar se somos ou não competentes se somos capazes de excelência intelectual. (Hooks, 1995, p. 472). E então, nas décadas de 70 e 80, com o avanço das intervenções dos movimentos negros pelo país, as mulheres negras desenvolveram algumas estratégias e tivemos “[...] escritores organizados em diversos grupos, entre São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Rio Grande do Sul, com uma escrita no mínimo contundente, abre as trancas, fura as cercas, pula muros e invade o campo literário, para ampliar o território da fala de homens e mulheres negros.” (Alves, 2010, p. 184).

Logo, por meio de estudos e análises filológicas, pensando o texto como um patrimônio literário e linguístico que preserva a memória histórica e cultural de determinados grupos, como ressalta Rosa Borges (2012), foi possível observar que as mulheres negras publicaram suas obras em jornais, revistas literárias, folhetins, antologias e livros solo. E então para derrubar as barreiras do silenciamento, essas autoras enviavam seus textos para serem publicados nas páginas dos jornais ou revistas literárias, como foi o caso da escritora Fátima Trinchão que em 1979 publicou o conto *Roda Viva* na página de leitura do jornal *A Tarde*, fazendo uma reflexão acerca das crianças em situação de rua e “também nos mostra uma escrita da autora que denuncia o descaso e a falta de humanidade para um problema social e político que atinge as camadas mais pobres da sociedade.” (Mota; Duarte, 2023, p. 160), como revela o fac-símile a seguir.

Logo, observa-se que os periódicos eram um dos principais veículos utilizados para a transmissão de textos literário nas décadas de 70 e 80. Era comum encontrar poesias e contos nas páginas dos jornais *A Tarde*, *Tribuna da Bahia*, *Correio da Bahia* e *Jornal da Bahia* e, assim, algumas escritoras negras conseguiram publicar suas produções por esse meio.

No entanto, essa não era a única estratégia utilizada por elas. Ao assumir diferentes personas no processo de produção, transmissão e circulação de suas obras, essas mulheres tentavam lutar contra as práticas do epistemicídio e se inserirem na memória. Temos, como exemplo, uma matéria jornalística sobre Ana Maria Santana, uma escritora de cordéis, que tinha um sonho de se tornar reconhecida por seus escritos. No entanto, sem nenhum recurso e apoio, além de escrever, ela editava, imprimia e vendia suas produções na tentativa de fazer com que sua literatura circulasse. Observe no fac-símile abaixo uma entrevista ao jornal *Correio*, no dia 26 de abril de 1980, na qual ela relata sua relação com as palavras e as opressões que passou para manter viva suas práticas de escrita.

Figura 1 - Conto *Roda Viva*, de Fátima Trinchã, jornal *A Tarde*, 1979.

Fonte: Acervo do FLEN (Impresso resguardado no setor de periódicos da BCEB³)

Além de publicar em periódicos, antologias e exercer o papel de escritores, editores e distribuidores (Soares, 2017, p. 64), para fazer com que suas obras alcançassem os espaços de reconhecimento, as mulheres negras escritoras, também buscavam apoio de pequenas casas editoriais para publicarem seus livros nas décadas de 70 e 80. De acordo com

Elane Correa e Rosinês Duarte, o mercado editorial se mostrava bastante seletivo e supressivo, entretanto, as editoras e/ou tipografias baianas como "CEAO/UFBA, Ianamá e o selo editorial Clarindo Silva e cia demonstram que atuaram publicando autores/autoras negros (as) na cidade de Salvador/BA nos anos oitenta." (Correia; duarte, 2023, p. 344).

Figura 2 - Entrevista da escritora Ana Maria Santana ao *Jornal Correio*, 1980.

CORREIO DA BAHIA
DATA 26/04/80

ANA MA. SANTANA: SUA ALEGRIA, ESCREVER UM LIVRO EM UM DIA

"Tenho quatro habilidades e agora vou contar a seguir por essa ordem que ouvi mamãe cantar.

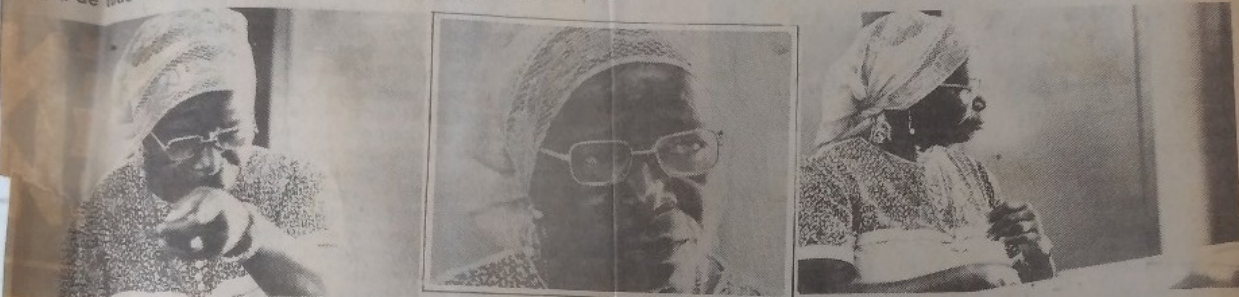
A primeira é amar a Deus acima de tudo em contrição

a segunda é gostar de trabalhar e abraçar a um irmão

A terceira gostar de desenhar e ser um tanto fiel escrever uma canção

e dar vez a um cordel

A quarta pensar no paraíso dele ter sempre esperança espera, meu bem, espera quem espera sempre alcança.



"Ouvir música, fazer acanção e desenhar" preenchem a vida de Ana Maria de Santana desde que ela se entende por gente. Hoje, aos 55 anos, não saberia viver, sem fazer essas três coisas e agradece a Deus tanta inspiração, principalmente levando em conta a vida regrada que leva para sobreviver. Já tem vários livros de cordel editados (com destaque "Homenagem aos velhos do mundo"), que ela mesmo vende pelas ruas, praças e bairros da cidade. O que ganha não dá pra sua manutenção, mas "faz das tripas coração" e continua firme fazendo o que mais gosta nessa vida: escrever em verso.

Forte, decidida e muito persistente, Ana Maria de Santana é quem se poderia chamar mulher que vale por duas. Mora sozinha numa casa que lhe custou os olhos da cara para construir as quatro paredes em Sete de Abril. Não tem medo de nada. Quando ameaçada, escreve versos. Se fica triste, encontra religião nas rimas. A alegria significa escrever um livro num só dia. Mas quando enganada por um ser humano (coisa inadmissível para ela) vai embora a inspiração. Lamentando, diz que "se eu botar chocalho em quem tem me enganado, não tem quem dorme".

Apesar de toda essa inspiração na sua cabeça, Ana Maria de Santana começou a editar seus livros de um ano pra cá. Antes morava em Itajupe, de onde saiu por ter sido ludibriada: "Fiz um bocado de versos para a candidatura de Delio Santana. Ele ganhou. Foi ser prefeito. Daí fui buscar o pagamento e recebo ameaça — um homem começou a arrancar as tabuas da minha casa e o jeito foi sair da cidade".

Lá "alfabetizava criança e adulto", fazia muitas "apresentações de teatro" e "tinha um rádio para ouvir músicas". Aquí sofreu muito. Quase seis meses sem ter onde morar, até que o filho arranhou-lhe esse lugar. De onde ela sai diariamente para acertar seus negócios: ir receber o dinheiro no Montepio (eu paguei Cr\$ 70,00 durante 26 meses e ninguém quer me restituir), lutar pela aposentadoria que nunca sai (eu trabalhei 37 anos, pela prefeitura, alfabetizando, tentar rever seus versos que

fez para um ex-prefeito pedindo ajuda (ele não me ajudou e ainda ficou com o meu livro) e ver se consegue vender algum livro e ter a refeição do dia garantida.

E tudo complica mais ainda quando — depois de pegar aquele ônibus mal cheiroso e super-lotado — chega em casa sem solução. Mesmo com fome fica a noite acordada fazendo versos e lembrando os tempos que cantava nas festas de reisados do interior de Alagoinhas (onde nasceu). "Eu pouco dançava, só quando a vontade batia forte. Eu gostava era de cantar. Não ganhava nada não, minha senhora, mas ia dormir contente".

"Não cheguei a conhecer meus pais. Fui criada por um pessoal. Tive uns oito irmãos, mas eu não me lembro muito deles. Foi a última da casa". Até as paixões na vida de Ana Maria de Santana também foram regradas: dois maridos, que num total perfizeram sete anos de vida conjunta. "Mas foi bom no começo, depois virou um inferno. Nenhum dos dois pres-

taram. Se a gente não se separasse, morria". Do primeiro casamento teve um filho que mora perto de sua casa.

No entanto não carrega nenhuma mágoa. Só se arrepende de ter sido tão tímida antigamente. "Eu me lembro que fui chamada para cantar numa festa... A voz saiu fraca de tanta inibição. Até hoje eu tenho a imagem da moça segurando no meu ombro. Eu tinha uns 14 anos". Hoje é outro dia. As durezas da vida criaram calo nas suas mãos. Ser enganada é a sua única tristeza e lamenta da falta de justiça: "Se fosse eu, que vivo das graças de Deus, fizesse alguma coisa errada ia almejada, seria presa..."

Mas entrega tudo a Deus — "Ele tá lá em cima e vai me ajudar". E decididamente também procura trabalho: escreve versos sobre qualquer assunto. Já fez livros de cordel em propaganda para um armazém e duas fabricas do bairro. Cobrou muito barato.

Essa consciência ela foi ter depois do Congresso de Coi-

delistas no Rio de Janeiro, que participou ativamente.

E, nesse Congresso, contestou o presidente da Ordem Brasileira de Cordel, Rodolfo Cavalcante. Disse que todos os participantes balanços tiveram suas passagens custeadas pela ordem, só ela teve que pagar a volta. Queixa-se também dele lhe enganando: "Olhe, eu ouvi no rádio da vizinha que ia ter uma reunião na casa dele. Fui lá e ele mandou que eu voltasse na próxima semana e nunca que aconteceu a reunião. E eu ouvi no rádio o anúncio..."

Sua fisionomia muda imediatamente quando perguntada sobre o que está escrevendo: "sobre a vida de uma mulher viajante que escreve versos e não é bem sucedida na vida". Basicamente uma autobiografia. Diz que já tentou escrever sobre sua vida antes, mas não conseguiu. Resolveu usar a linguagem caipira, e já está terminando "Matuta", que breve estará sendo exibido ao público pelas mãos fortes de Ana Maria de Santana. E por apenas Cr\$ 10.

Fonte: Acervo do FILEN. (Impresso resguardado no acervo do CEA04).

É o caso do livro *A Mulher de Aleduma* de Aline França publicado, em 1981, pelo selo editorial Clarindo Silva e cia; o livro "Constelações" de Nivalda Costa publicado, em 1986, pela Editora Bleff. Ambas se mostravam propensas à publicação de textos literários negro-femininos da Bahia.

dante disso, percebe-se que as autoras negras baianas, das últimas décadas, colocaram em prática estratégias para ultrapassar as barreiras do esquecimento cunhado pelas ações epistemicidas que ditam o que deve ou não constituir os espaços culturais, literários e memoriais das sociedades.

A partir disso, é importante haver “políticas de presença e visibilidade” (duarte, R., 2020) como uma maneira de resguardar as obras que sobreviveram ao processo de apagamento. Logo, está sendo criado um acervo digital, pelo grupo FILEN, com o objetivo de preservar a memória literária negra feminina da Bahia, e também, “ampliar a circulação das literaturas” e “aumentar as possibilidades de conhecer o documento e interpretá-lo” Bordini (2020). Logo, cada escritora que compõe o acervo em construção precisou enfrentar as negações ditadas por um sistema eurocentrado que tenta mortalizar as produções negras femininas.

Palavras Finais

Certamente os estudos e métodos filológicos são de extrema importância no processo de recuperação da literatura negra feminina baiana. Cada passo como as visitas nos acervos, seleção, análise e recolhimento de materiais são formas de trabalhar o texto como um objeto que pertence à construção do patrimônio cultural e literário de uma dada região. Por outro lado, também é possível perceber que as produções artísticas, culturais e literárias das mulheres negras nunca tiveram esse alcance de reconhecimento na memória do país. No entanto, elas criaram formas de vencer o epistemicídio e fazer com que suas obras circulassem nas décadas de 70, 80 e 90. Elas publicaram em periódicos e antologias, assumiram diferentes personas, buscaram apoio de pequenas casas editoriais e se uniram na tentativa de ampliar a circulação de suas obras, sair da posição de anônimo e alcançar o público leitor. Hoje, essas autoras são influência para que novas escritoras, da contemporaneidade, desengavetem suas obras e libertem uma voz que foi silenciada por muitos anos.

Notas

¹O grupo de pesquisa Filologia das Letras Negras – FILEN está lotado no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia e é coordenado pela professora Rosinês de Jesus duarte, desde 2020. Para saber mais, acesse a página gerida pelo grupo em <https://www.instagram.com/fi.le.n/>

²O feminismo questionou a forma androcêntrica de organização dos arquivos, bibliotecas, centros de documentação, livrarias e museus. Questionou a invisibilização, a dispersão e até o desinteresse pela preservação, conservação e divulgação de documentos, outras fontes de informação e inúmeros bens culturais produzidos por/com mulheres ou sobre mulheres. (Tradução nossa).

³Biblioteca Central do Estado da Bahia.

⁴Centro de Estudos Afro-Orientais.

Referências

Alves, Miriam. **A Literatura Negra Feminina no Brasil: Pensando a existência**. REVISTA DA ABPN, v. 1, n. 3, p. 181-189, nov. 2010.

disponível em: www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/download/280/261/.

Bordini, Maria da Glória. **Acervos literário e Filologia**. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2020.

Borges, Rosa (org.). **Edição e estudo de textos teatrais censurados na Bahia**. Salvador: Edufba, 2012.

Borges, Rosa. Experiências e descentramentos epistemológicos na prática filológica. In: SOUZA, Risonete... [et al.] **Filologia em Diálogo**, Salvador: Memória & Arte, 2020. p. 15-47. disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32020/1/Filologia_em%20dialogo.pdf.

Burke, Peter. (1937). **O que é história cultural?**/Tradução: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

Carneiro, Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. FEUSP, 2005. (Tese de doutorado).

Collins, Patricia Hill. **Espistemologia feminista negra**. In: BERNADINO-COSTA, Joaze et al. (Orgs). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 139-170.

CORREA, Elane; DUARTE, Rosinês. A produção literária de Aline França em A Mulher de Aleduma e sua circulação nos anos oitenta. In: Arivaldo Sacramento de Souza (org.)... [et. al] **Por uma ética nos estudos filológicos: críticas, corpora, edições**. Salvador: Segundo Selo, 2023. p. 340-347.

DUARTE, Constância Lima. (2018). Arquivos de mulheres e mulheres anarquistas: histórias de uma história mal contada. In: *Crítica e Coleção*. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2011.

duarte, R. de J. Políticas de memória e Literatura negra na Bahia: uma proposta de constituição de um acervo digital. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 76, p. 1-16, 2024. disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/54113>. Acesso em: 24 abril 2024.

duarte, Rosinês; Mota, Yasmin. Análise filológica do conto Roda Viva: A materialidade textual em questão. In: Arivaldo Sacramento de Souza (org.)... [et.al] **Por uma ética nos estudos filológicos: críticas, corpora, edições**. Salvador: Segundo Selo, 2023. p. 157-165.

Hooks, Bell. **Intelectuais Negras**. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 464, 1995. DOI: 10.1590/%x. disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>.

MCKENZIE, D. F. **Bibliografía y sociología de los textos**. Traducción Fernando Bouza. Madrid: Akal Ediciones, 2005.

Nora, Pierre. Entre memória e história: **A problemática dos lugares**. Trad. Yara Aun Khoury. São Paulo, Proj. História, 1993.

Silva, Ana. Memórias e (Re) invenções de Identidades na Literatura afro-feminina. IX Congresso Internacional da ABRALIC, p. 1-7, 13-17 jul., 2008. Disponível em: <https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/078.htm>.

Soares, E. M. V. Crítica textual moderna e a sociologia dos textos: a materialidade dos textos e o locus para se pensar a instância colaborativa na produção textual. **Manuscrita:**

Revista de Crítica Genética, [S. l.], n. 32, p. 61-73, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/177861>. Acesso em: 1 junho 2021.

Souza, Florentina. **Mulheres negras escritoras**. In: SILVA, Jorge Augusto. Contemporaneidades periféricas. Salvador: Segundo Selo, 2019. p. 93-108.

Vassallo, Jaqueline. Mujeres y patrimonio cultural: el desafío de preservar lo que se invisibiliza. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 71, p. 80-94, dez. 2018.